

UM ROMANCE DO UNIVERSO MARVEL

DEADPOOL DOG PARK



MARVEL

STEFAN PETRUCHA

novo século

– Você... é o Papai Noel?

Se a menina vai me passar a bola fácil desse jeito, quem sou eu para não entrar na dança?

– Claro – digo. – Estamos em agosto, mas, por que não?

Agarro o cachorrinho dela. Ela esfrega os olhos.

– O que você está fazendo com o Fungada?

– Fungada? – Olho para o cachorro, como se tivesse me esquecido de que ele estava ali. A brincadeira faz a menina rir. Até que enfim alguém ri das minhas piadas. – Bom, querida, o Fungada está quebrado, sabia? Então o Papai Noel vai levá-lo ao Polo Norte e consertá-lo pra você.

Ela faz beicinho.

– Mas a mamãe disse que o veterinário já tinha consertado o Fungada.

– É, bem, ele quebrou de novo. Olha como as pernas estão se movendo, mesmo ele estando de olhos fechados. Muito esquisito isso, não?

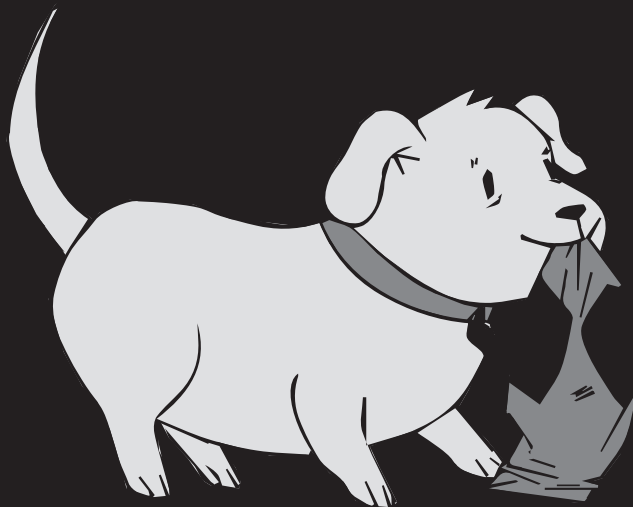
– Ah, não!

– Você não quer que o Fungada continue quebrado, e o Fungada odeia ficar assim, então agora é preciso consertá-lo de novo.

Consertar, nesse caso, aparece como eufemismo para matar.

– E você vai trazer ele de volta?

Faço sinal de positivo, levantando o polegar.



DEADPOOL
DOG PARK

DEAD DOG

UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO MARVEL
STEFAN PETRUCHA

POOL PARK

Deadpool: Paws*

Published by Marvel Worldwide, Inc., a subsidiary of Marvel Entertainment, LLC.



* Em tradução literal: Deadpool: patas

Equipe Novo Século

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Rebeca Lacerda
Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale
ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves
AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Emilly Reis

TRADUÇÃO
Caio Pereira

PREPARAÇÃO
Elisabete Franczak Branco

P. GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Vitor Donofrio

REVISÃO
Gabriel Patez Silva

CAPA
Vitor Donofrio

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Will Conrad

Equipe Marvel Worldwide, Inc.

EDITOR SÊNIOR, PROJETOS ESPECIAIS
Jeff Youngquist

EDITORA-ASSISTENTE, PROJETOS ESPECIAIS
Sarah Brunstad

GERENTE, PUBLICAÇÕES LICENCIADAS
Jeff Reingold

SVP PRINT, VENDAS & MARKETING
David Gabriel

VP, DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL
CB Cebulski

EDITOR-CHEFE
Axel Alonso

DIRETOR DE ARTE
Joe Quesada

PRODUTOR EXECUTIVO
Alan Fine

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Petrucha, Stefan
Deadpool: Dog Park
Stefan Petrucha; [tradução Caio Pereira].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

Título original: Deadpool: paws

1. Deadpool (Personagem fictício) – Ficção 2. Ficção norte-americana I. Título

15-11120

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

*Nenhuma similaridade
entre nomes, personagens,
pessoas e/ou instituições
presentes nesta publicação
são intencionais. Qualquer
similaridade que possa
existir é mera coincidência.*

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil


Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br



Dedicado ao Deadpool que levamos dentro de nós.
Porque se eu não lhe dedicar, ele pode achar ruim.





LIVRO 1

Quanto custa aquele
cãozinho da vitrine?



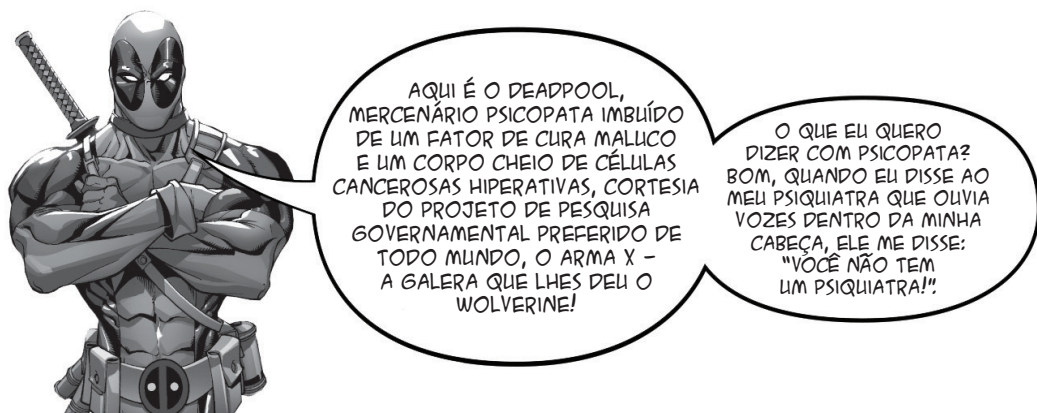
BELEZA, estou eu aqui caindo desse baita prédio alto e... peraí.

CADÊ A #\$\$%@ DAS FIGURAS?

Mais essa para eu ter que resolver. O que é isso, afinal de contas... uma legenda muito, mas muito longa? Fala sério! Os quadrinhos têm que ser super-na-cara, aqui-e-agora, tipo TV ou... tipo TV! Sigam o programa. Uma imagem vale mais do que mil panacas. Tipo, se eu apenas *digo* vermelho, não é o mesmo que *enxergar* o vermelho, não acha? Não me leve a mal. Sou totalmente a favor do ti-ti-ti – não me chamam de Mercenário Tagarela à toa –, mas tudo tem limite. Como disse William Burroughs, “A linguagem é um vírus vindo do espaço sideral”.

Tá, beleza, ele era viciado em morfina, e não existe nada dessa história de almoço nu de graça, mas mesmo assim.

Sei que alguns de vocês já estão se achando, perguntando coisas cretinas como: “Se as figuras são tão legais, como fica a história de fundo?”, “Explicação?”, “Como você faz essas coisas?”. Beleza, talvez seja preciso uma ou duas frases curtas, mas qualquer escritor que o valha coloca isso tudo dentro do diálogo, tipo assim:



Nada dessa porcaria de *Enquanto isso, lá no rancho*. Se você vê o desenho de um cofre de banco numa página inteira, não vai supor que a ação tá rolando numa loja de conveniência, concorda?

Então, pra que toda essa verborreia?

Ah, calma lá. Entendi. Livro. Isto é um livro. Ainda tem gente que faz livros? Porra.

Beleza, saquei. Só fiquei meio perdido. Como já disse, eu curto o falatório.

Eu sei que você curte.

A propósito, esse é o meu diálogo interno. Se isto aqui fosse uma HQ, você veria essa fala como uma legenda numa caixinha amarela. Neste caso, vamos usar esse negócio aí em negrito, pelo visto.

Para mim, está ótimo.

Bora começar essa parada.

E o itálico vai para Voz Interior Número 2. Ótimo. Só fiquem quietos os dois, por ora, e me deixem continuar com a história.

A lustrosa combinação de aço e vidro de um arranha-céu de Manhattan funde-se num nevoeiro conforme eu vou despencando ao longo de sua refinada fachada. Não sendo do tipo que voa nem do que sai se balançando por aí feito o Homem-Aranha, estou, bem... em queda livre. Vou me debatendo que nem peixe fora d'água. Mais precisamente, um peixe fora d'água que foi jogado pela janela. Procuro algo em meio a esse imenso borrão em que possa me agarrar, qualquer coisa para pelo menos desacelerar a queda, mas não tem nadica de nada. Nenhum mastro de bandeira, nenhuma beirada, nenhuma gárgula – só queda livre, apenas o pavimento à minha direita e direto para o funeral.

As coisas podem parecer muito ruins, mas já cá pra cacete. Caí de prédio, caí em fosso de mineração, covil de criminosos, nave mãe de ET, fábrica de doce, cama de mulher – o que você puder imaginar. Caí no sono, caí de amores, caí nas dívidas, caí aos pedaços – mas nunca, nunca caí na própria morte. Já caí na morte de outras pessoas, mas em geral isso envolve uma mira melhor.

O problema é o seguinte: não estou sozinho. Tô levando comigo o dalmata mais fofo que já se viu neste mundo. Acabei de arrancar o pequeno da cobertura frescurenta lá, bem lá no alto. As coisas não saíram muito conforme o planejado, e o pequeno está vindo prédio abaixo comigo.

Eu vi o que você fez lá em cima.

Mas como é esperto.

O nome dele é Kip, a julgar pela placa dourada na coleira cravejada de diamantes. Mas se continuarmos assim, vai se chamar Melecão quando atingirmos o concreto. Sob outras circunstâncias, tipo se ele tivesse devorado um monte de escoteiros e planejasse voltar para repetir, eu não me importaria. Não que eu não goste de matar, mas o Kip aqui não fez nada para merecer uma morte prematura.

Então você gosta do pequeno?

Nem um pouco! Ele é uma fofura, mas fofura é para seres inferiores. Sou do tipo coração gelado, mantenho os peludos bem longe. Isso significa nada de amizade entre homem e cão. Mas... ele fica tão fofo com as correntes de ar fazendo vibrar essas pálpebras assim tão abertas!

Cof, cof! Dito isso, estou pensando – puramente por questão de princípios, repare – em mantê-lo vivo. Eu vi, de fato, um vídeo na internet, semana passada, de um filhotinho que sobreviveu a uma queda de dezanove andares.

Tem certeza de que não imaginou esse vídeo?

Pode ser, mas parecia ser bom, principalmente a parte sobre velocidade terminal, o modo como a força para cima da resistência do vento se iguala à força da gravidade para baixo, blá-blá-blá. Um mamífero pequeno como o Kip aqui alcança a velocidade terminal muito depois que um cara grande como eu.

O que significa... que ficar agarradinho nele pode frear a minha queda, não?

Não.

Visto que continuo ganhando velocidade, vou ter que concordar com você. O Kip está preso à *minha* velocidade terminal. Não quero nem pensar nisso, então olho para os olhinhos negros escancarados e aterrorizados dele.

– Hora de se virar sozinho, amiguinho! – Jogo-o para cima. – Voe, Kip! Voe!

Agora que ele está por conta própria, vai ficar bem, com certeza, que nem o cachorrinho do vídeo. Ou era um gato? Acho que me lembro de ter visto um gato. Que estava tocando piano. Gato, cachorro, periquito... que diferença faz, afinal?

Continuo obedecendo às leis da Física. Nuvens muito espessas giram lá em cima feito creme batendo na batedeira. Hmmm. *Chantilly*. Eu pegaria uma colherinha depois de pousar, mas a brisa que sobe trazendo aquele mais que especial fedor de cidade está arruinando meu apetite. Talvez seja melhor olhar para baixo, só para calcular a distância que me separa do asfalto, para quem sabe desacelerar quicando contra a parede ou algo assim.

Asfalto, ó, asfalto? Onde estás?

Ah, aí está você!

PLOFT!

Já mencionei a história do fator de cura? Sabe quando o Wolverine, aquele cara durão dos X-Men, leva um tiro ou um corte e o ferimento se cura sozinho? Eu sou assim, só que... um pouco mais. A não ser que eu seja mergulhado em ácido ou completamente desintegrado, eu cresço de novo. Beleza, eu sei, a maioria dos super-heróis volta da morte com tanta frequência, que seria mais fácil instalar uma ponte aérea, mas pelo menos eles têm o *potencial* de bater as botas de uma vez. Quando um deles volta, é preciso uma boa dose de lógica complexa – ou, no máximo, um recomeço.

Eu? Eu sou efetivamente imortal. Não importa quão sério seja o ferimento, tudo acaba crescendo de novo, câncer e tudo o mais. Já contei que tenho câncer? Foi o que me fez me alistar no experimento Arma X, inicialmente. O Arma X era tocado pelo governo canadense, a propósito. Pensei que fossem me curar. Em vez disso, o experimento fez minhas células cancerosas se regenerarem também, me deixando com um corpo cheio de lesões e uma mente povoada por sonhos.

Ou a palavra que usaram foi *ilusões*?

Enfim, perdi um membro? Em poucas horas ele cresce de novo. Crânio amassado? Talvez um ou dois dias. Claro, sendo o cérebro um dos órgãos mais importantes, às vezes eu acordo um pouco mais confuso do que de costume, falando francês, ponderando se faço ou não parte do Balé Bolshói, mas, quer saber? Apesar do que falam sobre morte e impostos, não posso morrer e não pago impostos.

Não parece tão ruim, eu acho. Pelo menos enquanto não são os *seus* ossos que estão quebrados, as *suas* entranhas derramadas feito o lixo

espalhado de um restaurante italiano. O problema é que eu ainda *sinto* cada ferimento, toda vez. Eu poderia ficar aqui falando sobre a agonia latejante e esfaqueante que está transpassando cada neurônio do meu cérebro neste exato momento, mas vou guardar essas informações para o meu próximo livro, *Acha que isso dói?* Por ora, encerrarei o assunto citando Ronald Reagan – que, pouco após ser baleado, foi ouvido reclamando, “Ai! Ai! Ai!”.

É melhor, sim, do que a alternativa. No caso, a morte. Pense nos dois caras sobre os quais pousei em cima. Você nem os conheceu, e eles já não estão mais entre nós. A maioria das pessoas me acha insensível (e nojentos, fedidos etc.), mas estou muito chateado pelo vendedor de cachorro-quente. Pelo executivo? Não muito, embora esteja impressionado com o relógio Patek Philippe dele. Continua funcionando, mesmo depois de eu ter pousado sobre ele. Ei, o cara não vai mais usá-lo, e eu tenho dedos intactos suficientes para...

BAM!

Kip pousa no centro macio do meu peito quebrado, fazendo um som igual ao de uma bolsa de peido molhada. Ele fica todo assustado, tipo, “O que aconteceu?”. De todo modo, não está ferido. O pequeno late e sai andando. Bom pra ele. Ruim pra mim.

Foi para pegar esse vira-lata que eu vim parar aqui, pra começo de conversa. Agora tenho que esperar, agonizando, enquanto meu corpo se cura, depois dar um jeito de encontrar um cãozinho nas ruas de Manhattan.

Isso não é uma música? Um cãozinho nas ruas de Manhattan?

Não. Você deve estar confundindo com Os Muppets conquistam Nova York.

A propósito, essa cena toda? Exemplo perfeito das vantagens que os quadrinhos têm sobre a prosa. Teria sido bem mais fácil com figuras. Dois painéis verticais e algumas linhas de movimento, talvez uma tomada rápida da reação do vendedor de cachorro-quente e do executivo perguntando-se por que subitamente tem uma sombra em cima deles, e já era. Meia página no máximo. E o impacto quando os atinjo? Muito mais visceral.

Oh, para onde iriam todos aqueles tolos com seu “aprendizado pelos livros” neste nosso novo mundo pós-literatura? Muahaha!

Enfim, voltando à história...

Tá, tá. Não me apresse.

Antes que eu possa gritar “Aqui, Totó!”, flagro-me abençoado por uma visita dos céus. Vinda da cobertura, e não do Paraíso. Saco. O recém-chegado pousa ao meu lado, não com um baque escandaloso, mas com o sopro suave e gentil de jatos de armadura mecânica. Ora, é ninguém menos que o guarda-costas desequilibrado que me jogou da cobertura, lá no começo da cena! Não cheguei a lhe ocorrer que eu seria rápido o bastante para agarrar o Kip no processo. Deviam ter visto a cara dele.

Não sei se esse cara é mesmo grande e mau, ou se é só o traje de tecnologia de ponta que ele usa, mas ele arrasa na entrada. O elegante sopro final dos jatos das botas espalha-se pela calçada, fazendo rolar pela rua os pãezinhos ainda quentes do carrinho. Mas esse barulho *vrt-vrt* que ele faz quando se move estraga tudo. Supertípico das Indústrias Stark. Não dá para simplesmente comprar uma armadura dessas na Amazon, então suponho que ele esteja ostentando uma imitação chinesa do mercado negro, que o chefe comprou no eBay. Maldita internet. Ninguém mais usa apenas armas automáticas?

O Mané de Ferro solta um *vrt* ao chegar mais perto. A armadura faz aquele negócio quando um lançador de mísseis emerge do antebraço. Não me pergunte como é que funciona esse troço. A não ser que o traje seja feito de algo como vibranium, que pode absorver vibrações, o coice dessa coisa poderia arrancar um braço inteiro na direção oposta.

Mas ele não atira ainda. O capacete se abre, mostrando-me um rosto de nariz quebrado e uns bons quilômetros rodados. Dá para ver nos olhos de ferro: esse cara tem a esperteza das ruas, e talvez até tenha bastante tempo de praça. Não é um amador querendo provar alguma coisa. Deve ter certa experiência em combate, que lhe rendeu o trampo na cobertura. Quase tenho respeito por ele.

Até ele abrir a boca.

– Não sei como sobreviveu à queda, e não tô nem aí. Me entregue o cachorro, ou vou dizimar você!

Caio no riso.

– Vai destruir um décimo de mim?

Ele tomba o rosto, como quem diz “como você ousa?”.

– O que você disse?

– Dizimar, homem de lata, significa destruir um décimo de alguma coisa. Não tá acreditando? Essa coisa aí deve ter internet. Procure no Google. Eu espero.

– Maldito nazista da gramática. – Ele ergue o antebraço, mostrando o que suponho tratar-se de um canhão 37 mm de alma lisa. – Quis dizer que vou detonar você, sacou?

– Saquei, mas o problema não é gramatical, é semântico, como em... Ele me cutuca com o cano, o que, no meu estado atual, dói.

– Cadê o cachorro?

Quando ele nota que estou deitado numa pilha de meleca grande demais para pertencer somente a mim, o rosto fica todo tristonho.

– Você não... pousou nele, né?

Eu não fazia ideia de que podia de fato *sentir* o meu pâncreas até ele enfiar o cano embaixo de mim, como se fosse uma pá, e usa aquilo para me levantar e poder ver melhor.

– Argh! Que frio! Muito frio! Ele não tá aí embaixo! Ele fugiu! Fugiu!

Aliviado, o guarda ergue o rosto – *vrt* – e pressiona um botão no antebraço.

Da armadura, uma voz sintética feminina meio abafada com a qual eu adoraria ir para a cama anuncia: “Apito de cão ativado”.

As partes do meu pescoço que em geral permitem que ele se mova estão estilhaçadas, então não posso mudar meu ponto de vista, mas escuto patinhas de filhote tilintando pelo cimento atrás de mim.

O cara robótico abre um sorriso convencido, como se soubesse desde o início que tudo ficaria bem.

– Kip, seu merdinha! Aí está você! Vem cá, seu montinho de bosta!

As palavras são rudes, mas existe uma candura na voz dele, indicando que realmente se importa com o peludinho. Chega a me doer. Pode ser o pâncreas de novo, mas parte de mim quer alucinar uma encenação

de menino-com-seu-cão, sendo eu o menino – completo, com graveto, bolinha e ensinar a usar pinico. Mas agora não é a hora.

O guarda-costas não vai querer ouvir, mas tem algo que eu deveria lhe dizer.

– Ei, amizade?

– Cale a boca. – As patinhas de cãozinho fazem mais barulho. – Aqui, garoto!

– Qual é seu nome, brother? Olha pra mim aqui. Estou quase morto. Poderia me dizer pelo menos isso.

O cara revira os olhos, mas ter encontrado o cachorro o deixou tranquilo, então ele coopera.

– Bernardo.

Atrás de mim escuto aquele respirar agitado e adorável de filhotinho, e a linguinha enrolada de filhotinho batendo nas laterais de filhotinho de um focinho de filhotinho.

– Bernardo, *mi amigo, por favor*, me escute com atenção. Sei que o Kip é uma graça, sei que é seu trabalho cuidar dele, mas seria melhor você *não* pegar esse cachorro.

Antes que eu possa entrar em detalhes, vejo bilau e bumbum de filhotinho quando Kip passa por cima do meu rosto em direção aos metálicos braços abertos de Bernardo.

– Achei você, seu montinho de pelos!

– Claro, *parece* com um filhote, mas, acredite em mim, na verdade é...

O cãozinho lambe o rosto do cara. Bernardo ri, provavelmente lembrando-se de um dia feliz da infância que não chegou a acontecer de fato.

– Ei, calma aí, garoto! – Então as lambidas do dálmata ficam ainda mais intensas. – Não, sério. Calma, Kip!

– Ponha-o no chão, B. Acredite em mim.

– Vou pôr *você* no chão.

A língua se move mais rápido. A sensação seca de lixa fica ainda mais áspera. Não machuca o bastante para conter um cara durão como o Bernie, mas vejo nos olhos dele que ele começa a se perguntar o quê, afinal, está acontecendo. Em vez de lidar com a estranheza, ele direciona a raiva para mim.

– Quem é você, afinal? Que tipo de maluco invade um sistema de segurança de milhões de dólares só para roubar de um garoto...

E então aquela linguinha fofa arranca o primeiro naco de pele do Bernardo, expondo o tendão e o músculo logo abaixo. Surpreso – você não ficaria? –, ele grita. O instinto o faz querer tocar o ferimento para ver quão ruim está, mas ele não consegue, porque está segurando Kip com as duas mãos. O pequeno Kip, que agora está mastigando uma bochecha nojenta como se fosse um brinquedo de morder.

Com a dor crescente superando o choque, Bernardo fica todo sórdido. Mudando do nada, ele ergue Kip como uma bola de futebol e usa a força intensificada pela armadura para arremessar o cãozinho o mais rápido e longe que pode. Mas a bola de pelos logo encontra a calçada. Kip vai rolando, preto e branco, preto e branco, ao longo do quarteirão. No caminho, todavia, vai também crescendo – e cresce e cresce, até que seu corpo cada vez maior estanca com o impulso e para, do nada.

Então o corpo do animal... como posso descrever? Bom, ele se desenrola, tipo uma planta abrindo as folhas ou um pássaro desdobrando as asas, mas, mais precisamente, como um monstro mutante crescendo, mudando de cor e de formato, expandindo em segundos para a altura de um, ah, sei lá. Não carrego uma trena por aí, então digamos que são uns... doze metros.

É, uns doze metros, eu diria. Por aí.

E então o ex-filhotinho grita, a voz explodindo feito alguma outra coisa que também explode. Tipo, talvez, o que antigamente chamavam de *boombox*. Claro, um *boombox*, mas com muito mais *boom*. Sabe, tipo um trovão. É, tipo um trovão demorado e muito alto:

– Eu sou GOOM! Venho do Planeta X!

Os olhos do Bernardo-sem-bochecha se esbugalham. Fico decepcionado. Achava que o cara tinha esperteza de rua, mas ele perde um pouquinho de carne e subitamente vira um mala atrás de uma mesa de escritório que nunca viu um monstro gigante na vida. Presa fácil; preocupado demais para sacar que deveria estar fugindo.

Eu? Meu corpo pode estar quebrado, mas com meu coração e alma aninhados em segurança na poça de lama escarlate que agora sou, grito para ele:

- Ei, Bernardo! ‘Nardo, velho?
- Que foi? QUE FOI?
- Eu avisei.



NA PEGADA!

“Fui nocauteado pela originalidade e pelo humor inusitado de Stefan Petrucha.”

**STAN LEE, em
Lance Barnes:
Post-Nuke Diek**

Deadpool, dê uma palavrinha ao estimado leitor do seu livro.

Estimado leitor, este livro contém a história do mais incrível personagem da Marvel.

Deadpool, é melhor você falar a verdade...

Ei! Eu sou muito importante mesmo, ok? Tem livro e filme sobre mim! O fato é que não sei se vão gostar de saber que sou um mercenário psicótico que sofre de alucinações. Seria uma propaganda um tanto estranha, quase uma despropaganda.

Então fale sobre o enredo do livro.

Este é um livro sobre cachorros. Filhotinhos. Na verdade, os filhotinhos mais fofos que alguém poderia imaginar! Labradores, collies, beagles... Owwn! Mas que viram monstrentigos gigantes terríveis dispostos a destruir tudo e todos! E a S.H.I.E.L.D. me deu a missão de aniquilá-los.

Tipo o cara da carrocinha?

A mãe tá boa?

Sobre o livro, Deadpool, o livro...

Bom, a grande questão é que eu até curto matar pessoas — só as que merecem —, mas cãezinhos... ah, velho, que dilema. Só posso dizer que Stefan Petrucha me colocou em situações absurdas nesta hilária — e suja, em muitos sentidos — aventura... Curtiu?

Alucinante, Wade.



ISBN 978-85-428-0772-1



9 788542 807721